



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

TRANSCRIÇÃO *IPSIS VERBIS*

CPI - TRÁFICO DE ARMAS

EVENTO: Audiência Pública	Nº: 0161/06	DATA: 7/3/2006
INÍCIO: 14h43min	TÉRMINO: 16h17min	DURAÇÃO: 01h34min
TEMPO DE GRAVAÇÃO: 01h34min	PÁGINAS: 47	QUARTOS: 19

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

NERY HOMERO ROSSI - Depoente.
CLÁUDIO FONTE - Depoente.

SUMÁRIO: Tomada de depoimento.

OBSERVAÇÕES

Há termos ininteligíveis.
Há intervenção fora do microfone. Inaudível.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Havendo *quorum* regimental para iniciar a sessão, declaro aberta a 51ª reunião da Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a investigar as organizações criminosas do tráfico de armas.

Hoje teremos uma audiência pública com Nery Homero Rossi, envolvido com a quadrilha de policiais presa no Rio de Janeiro, que repassava armas e munições a traficantes, e Cláudio Fontes, apontado como intermediário do tráfico de armas entre policiais da DFAE do Rio de Janeiro e traficantes de drogas atuantes nos morros do Turano, Borel, Pavão e Pavãozinho.

Os 2 estão presos? *(Pausa.)* Então, que entre Nery Homero Rossi. *(Pausa.)*

O senhor é o Sr. Nery Homero Rossi? É esse o seu nome?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Exato.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É Néry ou Nery?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Nery.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Nery. Fica a critério do senhor fazer o juramento de dizer a verdade. O senhor gostaria de fazer? É só ler essa frase aí.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e que me for perguntado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Muito obrigado, Sr. Nery.

Sr. Nery, nós estamos na CPI do Tráfico de Armas. Recai uma acusação sobre o senhor de fornecer armamento e munição, principalmente munição proibida, e especialmente a um sargento da PM de nome Zé Carlos. O que o senhor tem a dizer sobre isso?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - O que eu tenho a dizer é o que eu já declarei para S.Exa. a juíza no fórum. Ficou restrito àquilo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E o que foi que o senhor declarou à juíza?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Para dizer a verdade, nem me lembro, porque estou com 79 anos, estou traumatizado pelo sistema carcerário, que emagreci 20 quilos. Sou um ser humano igual aos senhores. Elegi os senhores, sou povo. Além de criar 6 filhos que eu tenho, tem mais duas crianças que eu adotei há 14 anos. Então, já faço a minha parte. Quanto ao restante, é o que eu já declarei. E



não sei mais de nada, porque quem emagrece 20 quilos e não tem assistência médica não pode se dar ao... Sendo que eu levei uma coronhada na cabeça antes desses acontecimentos. Fui obrigado a atender os bandidos na minha loja — que foi declarado isso —, sob ameaça de morte. Tenho 2 filhos, de 7 e de 10 anos de idade, além dos outros que crio há 14 anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor levou uma coronhada num assalto à sua loja, isso?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Assalto na loja.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Isso foi quando, Sr. Nery?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Foi há um ano e pouco atrás. Não sei a data também, mas houve a ocorrência no Souza Aguiar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E o que pegaram na sua loja?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Não pegaram nada, porque entrei em luta corporal e não deixei levar nada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Aí não levaram nada.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Nada. Mas me ameaçaram.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor tem uma loja de armas?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Tinha, porque eu resolvi não trabalhar mais com isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor comprava armas só nacionais ou importadas também?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Não, só nacional. Eu sou da família Rossi, que contribuiu muito para acabar com animais selvagens para tornar o País mais calmo, porque segundo a Bíblia há insetos e animais peçonhentos, uma parte nociva aos homens. E os homens também a mesma coisa: há maus elementos, criminosos e bandidos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois não, Deputada Laura Carneiro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sr. Nery, o senhor está preso há quanto tempo?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Vai fazer 8 meses agora dia 19.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor está sofrendo alguma coisa na sua saúde?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Quem perde quase 20 quilos num sistema que todo mundo conhece, evidentemente eu não estou bem. Ainda o próprio médico, quando eu estive no Souza Aguiar, na pancada que eu levei, levei pontos, fez com que dissesse que haveria seqüelas.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Essa pancada o senhor levou, portanto, há mais de 8 meses?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Não. Faz mais de ano, mas as conseqüências são dores fortes. Aliás, ontem mesmo à noite, sem ser essa noite, a outra noite, eu senti fortes dores de cabeça durante 4 a 5 horas e não tinha nem comprimido para tomar.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim. Agora me diga uma coisa. O senhor sofreu, então, esse atentado na sua loja. Quantas pessoas lhe deram coronhada? Quantas pessoas invadiram a loja?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Foram 2 armados. Eu lutei com um e o outro armado esperando levar tudo, porque achou que era fácil e se deram mal. Aí, como represália, fugiram, porque eu dei um grito normal de quem é agredido, mas passaram a me chantagear na rua.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Só uma perguntinha: onde ficava a sua loja? Qual era o bairro da sua loja?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Lá, no centro do Rio.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Onde?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Primeiro de Março, esquina de Rosário.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Na Primeiro de Março com Rosário. A que horas esses homens entraram na sua loja?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Onze e meia da manhã, mais ou menos.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Onze e meia da manhã. E o senhor reagiu? Então, o senhor está querendo nos explicar, digamos assim, ou o senhor está dizendo que às 11 e meia da manhã, no centrão da cidade, como se fosse à beira-mar, no miolo da cidade do Rio de Janeiro, 2 homens entraram armados na sua loja. O senhor tem 77 anos?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Setenta e nove anos.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Setenta e nove. Na época o senhor tinha 77, 78 anos.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Estava com 78.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor abateu um desses homens.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Não abati coisa nenhuma.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor abateu no sentido de...

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Eu briguei, entrei em luta corporal, ele se desvencilhou e meu deu a coronhada. Tanto que fugiu.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E o outro?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - O outro estava lá e fugiu também porque qualquer agressão faz com que a pessoa dê aquele grito.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Dr. Nery, deixa eu só tentar estabelecer aqui. Essa será a primeira história... Será uma história diferente, na vivência do Rio de Janeiro, porque nós que somos do Rio sabemos que ninguém entra numa loja, às 11 e meia da manhã, no centro da cidade, armado,...

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Ninguém entra?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - ...entra em briga corporal e fica por isso mesmo.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Ninguém entra?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Se não estivesse no Rio de Janeiro, eu até diria...

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Eu discuto a sua opinião, porque há mais...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está bom. O senhor não tem o que discutir, não. Eu não vou discutir com o senhor, não; nem o senhor precisa discutir comigo.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Está certo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu quero é perguntar: se o senhor não tinha nenhuma... Então, o senhor está querendo dizer, pelo que eu estou entendendo — quero saber se é isso —, que esses mesmos homens que entraram, às 11 e meia da manhã, no centro da cidade do Rio, entraram em luta corporal com o senhor, e o senhor venceu os 2, aos 78 anos...

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Eu não venci os 2, não.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, os 2 fugiram.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Eu falei que só lutei com 1 e perdi, porque levei a coronhada, que ele venceu. Se fosse vencido, estaria preso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E aí, eles foram embora com a munição? Não levaram nada?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Não levaram nada.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está certo. Bom, vamos considerar que isso tudo seja verdade. Não levaram nada e, a partir daí, passaram... O senhor disse...

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Ameaçar.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - ...chantagear. Foi essa a palavra?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Chantagear.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas chantagear em quê? Ora, se eles entraram na loja, não levaram nada — porque não quiseram, porque o senhor já estava abatido, digamos assim, com a coronhada na cabeça —, não lhe deram nenhum tiro... E o senhor disse que eles... Por que eles passaram a lhe chantagear? Eu queria entender.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Porque a minha experiência, com 79 anos... a mãe dos meus 2 filhos residindo no Morro do Borel...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Deixe as crianças fora disso.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - ...no Morro do Borel, em que todo mês há ataques, e a população toda está cercada, com medo dos assaltantes, e evidentemente não precisa dizer que...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Seu Nery, não faça discurso para nós, não, porque todo o mundo sabe... todo o mundo, aqui... todos eles são especialistas em segurança pública.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Todo o mundo sabe, então, que eu sou uma vítima desses acontecimentos.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, a minha pergunta é muito clara: o senhor estava sendo chantageado em quê? Por quê? Só isso.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Porque eles acharam que deviam me levar.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O quê?



O SR. NERY HOMERO ROSSI - Que era mole. Para eles é mole entrar num lugar, pegar uma pessoa idosa, achar que é um bobalhão, que vão levar, mas não levaram. Só isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E o senhor, graças a Deus, conseguiu retrucar esse ataque. Mas a pergunta não é essa. A pergunta é simples: qual foi o tipo de chantagem? O que lhe pediram em troca? Chantagem, assim: eu peço alguma coisa para não... para o senhor não sofrer uma ameaça, alguma coisa. O que foi? Como foi a chantagem? O que disseram para o senhor?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - A chantagem é que eles, não conseguindo, começaram a me vigiar — sabiam onde eu morava — e me obrigaram a entregar dinheiro a eles.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, sabiam onde o senhor morava. E o senhor era obrigado a entregar dinheiro para não morrer, era isso?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Não morrerem os meus filhos, que foram ameaçados.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Os seus filhos foram ameaçados. O senhor foi à Polícia e prestou...

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Para quê?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É o caminho natural.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Se a senhora tivesse...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu vou.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Ah, eu duvido! Porque aqui não tem segurança nenhuma. À Polícia cabe verificar os fatos, mas eu...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas o senhor, Sr. Nery, é um homem que trabalha com segurança pública.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Mas deixa eu completar.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Claro.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Como é que a Polícia vai descobrir quem não existe? São pessoas que aparecem e desaparecem. São outros. Se fosse fácil, não estariam, aí, milhares de assaltos por aí.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está bom. Então, eu vou considerar que o senhor está certo, que houve uma ameaça...

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Mas foram os fatos.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, eu estou considerando o que o senhor está dizendo. Eu estou aqui ouvindo. Mas já que o senhor foi ameaçado, essas ameaças deveriam constar das notas taquigráficas, das gravações feitas, não é isso?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Se não consta, é porque quando eu cheguei no fórum, de manhã, num calor tremendo, não comendo, nem bebendo e sendo atendido muito bem por S.Exa., a senhora juíza, às 8 horas da noite, cheguei em casa desidratado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, mas eu não estou falando disso, não. Aí o senhor pediu uma garrafa de vinho — foi isso? — e uma cenoura?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Quem disse garrafa? Que brincadeira é essa?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não é brincadeira, não.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Eu estou falando do fórum.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu também. Eu estou falando de gravações telefônicas que dizem claramente que o senhor conversa com o Sr. José Carlos...

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E, em forma de código, diz que tinha uma garrafa de vinho de 4,5 litros, que queria dizer munição calibre 45, e uma cenoura de R\$ 0,09, que era a mesma coisa que dizer: uma munição calibre 9 milímetros. É sobre isso que eu quero saber.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Isso, não me lembro mais.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não. A sua memória foi-se embora com a coronhada, que foi antes do ocorrido. Mas...

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Foi embora.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A coronhada foi antes, mas a memória foi depois. Mas está tudo bem.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - A coronhada foi antes, mas continua até hoje.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, claro! O senhor tem razão.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Só que...



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Bom, então, o senhor... vamos...

O senhor não conhece o José Carlos?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Conheço como guarda de trânsito.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Como guarda de trânsito?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - É.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor conhece o Sr. Cláudio Fontes?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Não, nunca vi.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ouviu falar em Coroa?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Não. Nunca ouvi falar.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor conhece a Sra. Maria da Graça?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Nunca ouvi falar.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Nunca ouviu falar em nenhuma Maria da Graça? E de algum Dinamite, o senhor conhece?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não? Nem o nosso Deputado, nunca ouviu falar?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Não o conheço.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está certo. O senhor já ouviu falar do Sr. Hélio Brunet?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Não conheço também.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Nunca ouviu falar também. E o Sr. Fernando da Costa Santos?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Se é o segurança da padaria, conheço.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É o segurança da padaria.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Eu ia lá todo dia, porque eu resido na Praça Saenz Pena. Conversava, porque fazia serviço de segurança, como qualquer outra pessoa, normalmente.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É? E quem eram os seus maiores compradores?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Eu não tenho compradores.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, não?



O SR. NERY HOMERO ROSSI - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor não tinha uma loja?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Tinha, mas de produtos legalizados.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ué, mas porque é legalizado não pode comprar?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Os meu compradores.... eu estava parado de trabalhar agora. Eu estou muito cansado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas eu não estou entendendo. Sr. Nery, eu queria entender: o senhor estava parado num ponto fantástico do Rio de Janeiro — Rio Branco com Rosário —, apanhou e não tinha nada, não vendia nada na loja. O que o senhor estava fazendo na loja, então, meu Deus, com 7 filhos para criar?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - O que acontece é que não há dinheiro... e eu já estava providenciando fechar a loja.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas o que o senhor...

O SR. NERY HOMERO ROSSI - O povo não tem dinheiro. Eu só vendia só uns saldos, lá, de acessórios, só, e acabou.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Acessórios de quê?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Acessórios, coldres...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O que tinha para vender na loja?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Acessórios de armas.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Só vendia... Imagina: o povo não tem o que comprar e vai comprar coldre?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Hã?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O povo não tem dinheiro para comprar e compra coldre, munição? Mas vamos lá, vamos fingir que era...

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Como não? Era saldo antigo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah! Então, o senhor tinha... o que o senhor tinha na loja, vamos lá? Quais eram os produtos?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Ah! Não me lembro também.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Também não lembra?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Não.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Essa coronhada...

O SR. NERY HOMERO ROSSI - É, fui abalado. Abalou muito.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Foi, está certo. Abalou muito.

Bom, então o senhor não se lembra nem do vinho...

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Nem da cenoura?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Nem do Careca? Do Careca o senhor lembra? Não lembra desse apelido?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Eu conheço o Carequinha, da televisão.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah! O palhaço?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - É.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Isso. Aquele antigo?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - É.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu também. Mas o Carequinha está vivo, e está solto. Mas, vamos lá: tem o Careca, que é o José Carlos. Diga uma coisa para mim: então, o senhor vendia lá que tipo de material, além do coldre?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - O que estava... pelas notas, lá, é só ver. É porque eu não guardo na memória.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É que está muito longe. Neste momento, eu não posso mandar pegar as notas. Se o senhor pudesse me ajudar... Afinal, o senhor está contribuindo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Fale um pouco mais perto do microfone, por favor.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor está tentando contribuir, não é isso?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Só pelas notas. Quem sofre uma agressão e fica preso...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Olhe só, Sr. Nery... Sr. Nery, o senhor está preso, e o senhor está dizendo que emagreceu 20 quilos.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Eu estou preso. O que eu tenho que declarar é o seguinte: o que eu declarei, já declarei à juíza. E é só o que eu tenho que falar. Não falo mais nada, porque é meu direito de cidadão.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, não. Se o senhor está... Claro que o senhor tem direito. Nós estamos aqui fazendo um apelo para o senhor. O senhor pode não falar nada, é verdade.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Sei.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É um direito seu. Só dizer o seguinte: o senhor está preso, com 79 anos. Há quanto tempo... não houve julgamento final, já houve?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Hã?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Já houve julgamento final?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não. Então, provavelmente, aqui, com as novas penas, é um bom tempo, não?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Eu estou... eu não tenho... Eu prefiro que sejam as penas para mim do que ameaça aos meus filhos menores, de 7 e 10 anos, seja a eles. Eu confio...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Esse seu filho de 7 anos é seu filho?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Eu confio na justiça divina. Eu estou me ralando para a justiça da terra, porque o que eu vejo é muita injustiça. Então, o que eu tinha que dizer eu já disse. E se me julgarem...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, ninguém aqui o julga, não...

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Eu já recebi uma mensagem divina que disse o seguinte: *"Eu não sei por que sei, mas sei que sei"*. É isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Bom, já que o senhor não sabe por que sabe, mas sabe que sabe, nós aqui não sabemos. Por isso estamos lhe pedindo ajuda, para que nós possamos saber. O senhor estava falando de segurança pública. Vivemos hoje, na cidade do Rio de Janeiro, um drama absoluto.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Sei.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Os fuzis foram roubados, são 1.500 homens hoje no Rio de Janeiro esperando mais 900 que vêm de Goiás e 900 que vão aqui de Brasília. Um pequeno exército talvez 3 vezes maior do que o que hoje está ocupando o Haiti. E aí o senhor, preocupado com essa matéria, afinal seus filhos foram ameaçados, sua família, o senhor está preso por conta disso tudo, deve



ter formas de contribuir. Como contribuir? O senhor vendia, em algum momento da história do seu negócio, vendia munição. E aí a pergunta é simples: independente dessa história, ou seja, dessa operação de Zé Carlos, ou de Fernandinho e desses personagens, em algum momento o senhor foi extorquido por algum policial na cidade ou no Estado do Rio de Janeiro que lhe pediu, que lhe ofereceu ou que tentou comprar munição falsa? Se o senhor não quiser falar isso publicamente, não tem problema, o senhor pode depois falar reservadamente, apenas (*ininteligível*)...

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Eu trabalho desde jovem, contribuindo para a riqueza da Nação. Agora, se eu tenho falhas, aquela citação “B” que vou falar: animais peçonhentos e nocivos, numa proporção razoável. E como seres humanos tem os estupradores, assassinos, estelionatários, bandidos que também fazem parte de um percentual. Inclusive, numa ocasião eu andei na rua, vi um camarada esticando o braço e deu um tapa na cara do outro. Se fosse uma autoridade, talvez matasse, mas quem era? Era um foragido do manicômio, conforme vim apurar. Outra vez também lá na Rua das Flores...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Espere aí, Sr. Nery, agora eu me interessei: como é que o senhor apurou que aquele homem era um foragido?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Rua das Flores...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, o senhor é muito bem informado.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Nós estamos numa democracia, eu não posso falar?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Claro, eu até pedi desculpas por estar lhe interrompendo.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Pois não. Eu acho que a minha idade permite relatar fatos que muita gente está na cadeia por causa disso. Um segurança fortíssimo, andando com a cara amarrada, a esposa atrás com o filho com Síndrome de Down, mongolóide. Se alguém pisasse no calo, ele talvez agredisse. Então, a situação é essa. Hoje, nós vivemos um momento das dificuldades financeiras. Eu sei, porque sustento 2 filhos, porque se todo mundo fizesse a mesma coisa, adotivos há 14 anos, as cadeias estariam vazias, porque a cadeia não é lugar de gente. Devem botar — os senhores que são Deputados —, colocar escolas profissionalizantes, porque onde é que se viu botar um preso dentro da cadeia, a



mulher não ter dinheiro para botar advogado, ou senão procurar defensora pública, vai arranjar dinheiro como? E os filhos vão passar privações? Então, esse que é o assunto que tem que se ver. A violência está ligada ao bem-estar da população...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Permita-me, Deputada?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Só vou fechar, Deputado Moroni Torgan, Presidente. Sr. Nery, só para dizer que neste momento nós não queremos aconselhamentos no que diz respeito a problema penitenciário do Brasil, porque todos nós trabalhamos nisso, sabemos bem as dificuldades por que passa o País nessa área. Mas não é apenas nessa área, talvez se a segurança pública tivesse avançado e tivéssemos menos bandidos e menos armas na rua, quem sabe nós não estaríamos no ponto que estamos...

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Desculpe apartar, mas...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, não. Agora eu vou dizer: eu o respeitei; o senhor me respeite, por favor. Então, só vou completar o raciocínio, Deputado Moroni Torgan, dizendo que agora só o padre para tentar solucionar essa questão, porque eu não vou mais perder o tempo das pessoas, nem o meu, até porque a questão é divina, e para isso nós temos um padre na Comissão. Mas queria antes de tudo, Deputado Moroni Torgan, pedir a V.Exa. que perguntasse ao depoente como é que ele conseguiu descobrir, na Rua das Flores, que é uma rua também muito movimentada no Rio de Janeiro, um foragido, porque eu quero que ele diga qual é a mágica, porque assim — quem sabe? — possa ajudar os policiais do Rio a encontrar tantos e tantos foragidos que existem na minha cidade.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Eu, em primeiro lugar, não falei foragido, falei um cidadão de bem, andando e preocupado com os problemas pessoais. Agora, quanto à resposta de policial, ninguém me subornou. Em primeiro lugar, eu não acho que haja necessidade de suborno.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sr. Nery, me diga uma coisa...

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Tanto que eu fui preso em flagrante.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Diga uma coisa: há quantos anos o senhor trabalha vendendo armas e munições no Rio de Janeiro?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Há muitos anos.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quarenta anos, cinquenta anos?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Trabalhei sempre ligado à indústria e muitos anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Muitos anos.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - A vida toda praticamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Nós sabemos como são vendidas legalmente as armas e munições.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Sei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas claro que nesses 40, 50 anos o senhor sabe, muitas conversas vieram ao senhor de como é vendida ilegalmente armas e munições lá para os bandidos do Rio. Isso que eu gostaria de saber: que tipo de estratégia eles têm para conseguir armas e munições ilegalmente? Não com o senhor, estou pedindo a sua experiência para gente poder trabalhar um pouco nisso.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Em primeiro lugar, as fronteiras nossas, que abrangem muitos quilômetros, permitem a entrada do tráfico de munições de todos os calibres. Agora, ao invés...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, só para entender, eu vou lhe interrompendo só para entender melhor. Então, o senhor acha que essa munição de calibres proibidos geralmente vem da fronteira do País, é isso?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Vem de fora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E como é feita a distribuição dentro?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Não cabe a mim saber, porque a única coisa...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, eu digo, porque, vocês, entre comerciantes lá, devem comentar: olha, isso é concorrência desleal, enquanto a gente tem que pagar todos os impostos...

O SR. NERY HOMERO ROSSI - É, mas não está na nossa área. Inclusive há muitas pessoas que são muito importantes, que estão dispostas a querer fechar as indústrias nossas, conforme até houve um referendo, gastando milhões do povo, quando deviam aplicar melhor esse dinheiro.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Aplicar como, o que o senhor acha?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Aplicar na educação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas para deter o tráfico de armas?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Tráfico de armas existe através de lá de fora...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Vem lá de fora, mas tem que entrar aqui dentro. Quem é que traz aqui para dentro?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Se entra aqui dentro, cabe às autoridades tomar providências. Agora, quando houver o flagrante, que prendam.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu estou tendo o maior respeito pelo senhor, como...

O SR. NERY HOMERO ROSSI - E eu também tenho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - ...alguém que tem a idade para ser meu pai. Aliás, o meu pai tem 80 e poucos anos, e eu tenho...

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Mas o senhor também merece porque é meu... Eu sou eleitor do senhor e me considero de igual para igual, apesar de ter essa irreverência de falar...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não tive a oportunidade de ter seu voto, mas na verdade o senhor é um eleitor. Agora, eu gostaria que o senhor nos ajudasse. O senhor está há 50 anos lidando com venda de armas no Rio de Janeiro. O caso particular aqui: a verdade é que o Zé Carlos ficou abrindo a boca demais, é um sargento da Polícia Militar, ele ficou abrindo a boca demais, lá do 6º BPM, dizendo que comprava munição de 45 e de 9 milímetros do senhor. Logicamente, o senhor já disse que não se lembra. Então, tudo munição adulterada e tudo mais. O senhor teria oportunidade de colaborar conosco nesse sentido. O que nós queremos, já que o senhor apelou tanto para democracia e para outras coisas... O que eu quero dizer é o seguinte: estão morrendo no Brasil 100 pessoas todo dia, à bala, 100 pessoas por dia. Não há guerra no mundo que mate tanto quanto essa guerra que nós vivemos aqui no Brasil. A pergunta é se o senhor quer colaborar conosco, ajudar para evitar que morra tanta gente à bala neste País. Porque eu



acho que se não houvesse arma de fogo tão fácil e munição tão fácil para que os bandidos perpetrassem as suas ações, nós não teríamos tantas mortes no País.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Estou pronto a colaborar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Por isso, para colaborar, não adianta o senhor dizer: eu me esqueci, não sei mais, não conheço.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Para colaborar...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Para colaborar, o senhor tem de dizer: nesses seus 50 anos, qual o conhecimento que o senhor tem sobre tráfico de armas? onde o senhor atuou? Digo não como traficante de armas, mas como vendedor de armas.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Bom, eu vou citar...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Só que todo vendedor sabe também... Por exemplo, um dono de supermercado sabe do supermercado que está comprando mercadoria roubada, compreendeu? Porque aquele vai fazer uma concorrência desleal com ele, vai vender mercadoria a um preço muito mais baixo do que aquele que paga imposto. Então vamos deixar essa fase, essa parte do Zé Carlos com o senhor. Vamos pegar a parte legalizada do senhor. Quem é que faz concorrência desleal com o senhor e como consegue esse armamento e munição para vender sem nota?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Em primeiro lugar, o que está acontecendo no País é o seguinte. Em 1974, numa data histórica, 21 de abril, o meu pai faleceu. Antes, no dia 17, ele pediu, através de telefonema, à minha mãe para ligar, para falar: 18, 19, 20 e 21, não. É só lembrar a data. Ele faleceu em 21 de abril de 1974. Quem tomava conta do País era outro... O comércio de armas era legal; não havia assassinatos, como hoje há. Por quê? Por uma razão muito simples: não havia droga. Hoje a droga está entrando em todos os lugares e é uma das causas principais, associada ao tráfico de armas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então o senhor acha que droga e tráfico de arma estão juntos?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Se a droga tivesse... se fosse penalizada, igual na Indonésia, com pena de morte, se acabaria logo com as drogas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E aí se acabava o tráfico de arma também.



O SR. NERY HOMERO ROSSI - Também, dando emprego, evidentemente. Agora, eu tenho propostas de emprego inteligentes, desde que isso seja proposto pelo Presidente Lula, que é simples, igual a mim, que vão melhorar isso aí. É geração de emprego, geração de divisas e o mais que é possível.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pergunto aos Deputados se têm alguma pergunta a fazer. Deputado Luiz Couto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sr. Presidente, na fala do Sr. Nery Homero Rossi, ele fala de chantagem e ameaça. A pergunta é se ele gostaria... Porque ele sabe que, falando coisas, elas podem levar... Ele diz que prefere ser julgado pela justiça humana porque acredita na justiça divina e quer que seus filhos não sejam atingidos pela fala dele. Pergunto se ele gostaria de falar alguma coisa do que ele sabe em caráter reservado, numa audiência secreta; só ele e nós, Parlamentares, sem qualquer filmagem, sem qualquer gravação.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - A resposta é não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não. Pronto!

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Eu não vou colocar em risco a vida dos meus filhos. Se os senhores estivessem na mesma situação que eu, também não colocariam. Então eu me considero igual aos senhores.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Está comprovado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, aí, o senhor já prova que é diferente de nós.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Eu não acho, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Porque nós estamos aqui colocando a nossa cara para todo o mundo e avaliando o narcotráfico, e com a coragem desses Deputados e Deputadas. O senhor está retrocedendo e não está tendo essa coragem. Então, é totalmente diferente desses Deputados e Deputadas que estão fazendo isso. Eles estão encarando.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - E eu também estou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Estão encarando, e não pense que nós não sofremos ameaças e tudo mais. Tenha certeza de que todos nós sofremos isso também. Agora, nós queremos justamente poupar nossos filhos de morrerem à bala, de morrerem com drogas, de morrerem com essas coisas. Então, é esse tipo. Então não é igual. É totalmente diferente. O senhor pode até dizer que



está com receio do crime organizado, que ficou a seu redor, e que por isso não quer falar. Mas, já ao falar isso, é outra diferença. Nós não estamos com receio de crime organizado nenhum, porque ele não está a nosso redor. Ele está a redor da sociedade, e nós queremos debelar esse crime organizado. Agora, o senhor está com receio de falar daquilo que o senhor sabe, porque aí colocaria em risco a vida dos seus familiares. É diferente. Não nos coloque em termos de igualdade porque não é assim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É, nós já estivemos aqui, Sr. Presidente. Inclusive, outras pessoas que aqui estiveram não disseram nada na audiência pública; e, quando também solicitadas para uma audiência reservada ou secreta, também nada informaram. O que é que acontece? É que o traficante ou aquele que está por trás diz: *“Olhe, não fale nada abertamente; e, se aceitar falar secretamente, nós já vamos tomar providência porque sabemos que aceitou colaborar com a CPI”*. Então, eu queria perguntar ao Sr. Nery: o senhor, antes de vender armas, o que é que o senhor fazia?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Eu era vendedor também. Vendedor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Vendedor de quê?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - De armas.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - De armas também. Mas não tinha loja ainda. Ou sempre teve loja?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Não. Meus irmãos é que tiveram; é uma conexão. Sempre fomos ligados a armas.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quer dizer, na família toda...

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Toda.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ...havia essa conexão em termos de venda de armas.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Mas houve um tempo em que havia trabalho, em que o povo vivia feliz. Hoje a situação internacional faz com que haja propagandas em televisão fazendo com que os pais de família se endividem — todo mundo passando dificuldades. Na prisão assisti a um monte de presos dizendo: *“Saímos daqui e vamos continuar matando, roubando.”*

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sei.



O SR. NERY HOMERO ROSSI - Porque a prisão não é feita para... é uma oficina do diabo. Tem de se acabar com as prisões e botar tudo no mercado de trabalho.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Mas, Sr. Nery, é o seguinte. O senhor disse que essas pessoas que estiveram na sua loja, que assaltaram, e o senhor até levou uma coronhada...

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Sei.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Eu pergunto: além desse assalto que o senhor disse, desse assalto que aconteceu, que o senhor disse ter acontecido, durante todo o tempo que o senhor vendeu armas o senhor sofreu algum outro assalto?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Também já houve outros.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas igualmente assim?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Não, houve roubo, mas só que foi durante a noite; e que não afetou nada, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ah! o senhor não estava?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Não estava.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quer dizer, com o senhor presente, só essa vez.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Só essa.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Só essa vez. Então, em nenhuma outra vez houve assalto com o senhor presente, durante o tempo em que o senhor estava vendendo as armas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu tenho uma curiosidade dentro da sua pergunta. Como é que numa cidade como o Rio de Janeiro, extremamente violenta como todo mundo fala — e eu acho tão violenta quanto São Paulo também; todas as grandes cidades são. Então não é uma peculiaridade, não é, Deputado Paulo Baltazar? Qualquer grande cidade é violenta. O senhor numa loja de armas, há 40 anos, mais ou menos, só sofreu uma tentativa de assalto?! Quem é que lhe dava segurança? Por que os bandidos nunca iam à sua loja para pegar armas?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - É que eu sou uma pessoa muito conhecida justamente pelos policiais. Mas os policiais hoje ganham tão pouco que eles são



obrigados a se dedicar a outras atividades paralelas, e aí os bandidos ficam mais à vontade.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas eu pergunto se, nessa atividade paralela, também a sua loja pagava a alguns policiais para que eles dessem proteção.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Não, porque eu trabalhava pouco. Eu estou aposentado. Eu já estava um pouco aborrecido com o trabalho porque eu estou vendo que o País precisa de reformas, de dar emprego ao povo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Se não der emprego ao povo, nós não podemos sair dessa situação.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas, Sr. Nery, é o seguinte: o senhor disse que vai ficar calado, que o senhor não vai dizer nada. Mesmo tendo registros fotográficos, mesmo com as filmagens, mesmo com as interceptações telefônicas, o senhor disse que não vai falar.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Mesmo assim, eu não falo porque...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Porque o senhor não quer que os seus filhos seja atingidos.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - É, exatamente! É um direito que me cabe.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então existe uma organização criminosa no tráfico de armas e de munições...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Claro, é isso o que quero dizer.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - ...que o ameaça.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - ...que o ameaça. É isso?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Hã?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Uma organização criminosa do tráfico de armas e munições o ameaça.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Eu não sei se existe.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas quem é que está ameaçando?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Eu não sei. Quem me assaltou...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, quem o assaltou não o está ameaçando! Eu quero saber quem está ameaçando se o senhor falar aqui hoje.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quem está solto e...

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Quem está solto, não. Quem me ameaçou... Os dois bandidos, evidentemente, estando presos, não vão me ameaçar mais. Então, eu não sei quem são. Vou saber como?! Eu não tenho bola de cristal aqui na frente. Mas eu recebo avisos, evidentemente.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas veja, Sr. Nery, o senhor tem advogado?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Não, porque eu não tenho dinheiro para o advogado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não tem. Quem é que está fazendo?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Eu coloquei um defensor público.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Defensoria Pública.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Porque tenho que sustentar duas crianças, conforme falei, há 14 anos.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Se todos fizessem isso, as celas das prisões estariam vazias.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas veja o seguinte. A Polícia, quando fez aquela ação lá e prendeu o senhor e outras pessoas... A gente pensa que a Polícia, ao ouvir uma denúncia, vai lá e pega. Ou seja, a Polícia fez todo um trabalho de inteligência, que é um trabalho importante; e um trabalho que registrou através de fotografias, um trabalho que filmou, que escutou telefonemas. Está aqui. Olha, não foi inventado, não. O Sr. Cláudio Fontes, que era a ponte entre o senhor, José Carlos Rodrigues Barcelos, o José, e Fernando da Costa Santos, o Fernandinho. Era essa a relação que tinha. E tinha lá o amigo Marcos Aurélio dos Santos Ferreira, que era amigo de José Carlos. Mas veja o seguinte. Cláudio diz: *"Tem alguma coisa de 62 aí?"* José, que era a pessoa, o contato, o associado ao senhor, diz assim: *"Não. Chegou aquele negócio que você estava querendo."* Cláudio: *"Que é que é?"* José: *"Aquele garrafão de vinho. Chegaram 5 garrações de vinho de 4,5 calibre."* Cláudio: *"Estou indo aí."* E José diz: *"Fala, meu filho."* Aí é o senhor que fala, está lá



a voz do senhor: *"Tô aqui."* José: *"Chegou o quê aí?"* E o senhor fala: *"É aquele garrafão de vinho de 4,5 litros e também aquela cenoura de 9 centavos."* *"E tem mais óleo de soja de 3,80."*

O senhor nunca vendeu cenoura, óleo de soja nem vinho...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não existe vinho de 4,5 litros!

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é, está aqui. Aí vem o seguinte, vem mais, vai continuando. O Andinho entra no meio. E o Andinho, tranqüilo; Fernando, tranqüilo. Andinho: *"Nós estamos indo para trabalhar já, hein?"* Fernando: *"Mas tem que ver se está aberto, irmão."* Andinho: *"Tá bom. Fecha duas e meia"*. O senhor fechava a sua loja às duas e meia?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Para dizer a verdade, não me lembro mais. A pancada me afetou muito.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - *"Então já é. Valeu. Já estamos chegando aí."* Então, eu tenho certeza, Sr. Presidente, de que...

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Essas declarações todas eu já fiz à juíza.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ...o Sr. Nery, efetivamente, está sendo chantageado, está sendo ameaçado, e quer manter a integridade dos seus filhos. É uma opção que ele fez. Eu acho que nós não temos mais o que retirar dele. Ele já disse que não quer ser ouvido.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - E tudo que eu tinha a declarar eu declarei à juíza, que é a autoridade máxima.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Eu espero que nós possamos ouvir outra pessoa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu tenho uma curiosidade. Foi aprendida na sua loja muita munição.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E muitas delas sem a devida cobertura legal. Por que isso acontecia?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Porque eram legais.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, mas não tinha cobertura de nota fiscal.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Tem cobertura de tudo. A que tinha produto controlado estava lá controlado.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E também muito cano de revólver. Por quê?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Ah, isso porque consertei armas, fui representante da firma, dando assistência para militares e civis, e fazia parte do estoque. Isso aqui não é... A gente não tem...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas por que cano? Qual a utilidade de ter cano?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Cano todos trocam. Temos de ver que a situação...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Porque eu conheço...

O SR. NERY HOMERO ROSSI - ...ao chegar a um lago e ver uma laranja, a gente só está vendo a laranja, mas se virar de lado é meia laranja, a meia verdade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, estou vendo o laranjal todo.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - A verdade é o que eu estou falando.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É que o cano de revólver... Sabe por que a gente troca cano do revólver? Porque geralmente, se se praticar um homicídio, a única coisa que identifica o revólver, a arma, além do calibre e tudo, é a ranhura do cano. Quer dizer, se se pegar a arma e trocar o cano, o projétil que saiu com aquelas ranhuras já não vai ficar identificado com aquela arma. Pode dar a arma para a perícia que se ela tiver o cano diferente ele vai mostrar que a ranhura que ficou no chumbo, que ficou na pessoa, não é a mesma da ranhura do cano dele. Se tiver a cápsula, aí não; aí dá para ser pelo recuo que a cápsula faz. Mas sem a capsula, só com o projétil, aí é só o cano que faz a diferença e que dá a identidade da arma. Então, isso dá a possibilidade de o senhor trocar o cano de cada homicídio que acontecer, de a pessoa querer trocar o cano.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Isso é uma opinião sua. Mas acontece que para trocar o cano...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, isso não é uma opinião do Presidente, não.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - ...para trocar o cano é preciso ter autorização da Polícia. E se estão lá é porque não foram trocados.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E o senhor tinha um monte de autorizações da Polícia para ter aqueles canos todos lá?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Os canos comprados vêm com a nota fiscal, pagando os impostos, que geram a riqueza do País.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É que nem óleo de soja, Moroni.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quer dizer, os canos... Então o senhor comprou os canos e não vendeu nenhum?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Se vende ou não vende, depende da procura. O supermercado não tem produtos de validade vencida que jogam fora?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deputado Paulo Baltazar, pode falar. Mas cano de arma não tem esse negócio de validade vencida, não.

O SR. DEPUTADO PAULO BALTAZAR - Sr. Presidente, eu não quero chover no molhado. Estou percebendo que a argumentação colocada pelo depoente vai se repetindo, se repetindo, mas queria só, numa última tentativa, fazer um apelo ao Sr. Nery, não é?

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. DEPUTADO PAULO BALTAZAR - Não, porque é claro que ele já disse que sabe de coisas, tanto sabe que não quer dizê-las para que a família não sofra nenhuma consequência. Portanto, ele sabe. Não é questão de amnésia. Esse pode ser um argumento que o advogado ou alguém colocou, embora ele possa ter... mas me parece, para 79 anos, uma pessoa extremamente... uma pessoa capaz, sob todos os aspectos: a argumentação que ele coloca, a defesa de idéias, de princípios para o País. Ele tem até um projeto de emprego. Portanto...

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Tenho um projeto talvez melhor do que o dos senhores, porque em 1940...

O SR. DEPUTADO PAULO BALTAZAR - Está certo, está certo, o senhor deve ter.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - ...em 1940 trabalhei lá nos partidos com o Alberto Pasqualini, e fizemos um trabalho. Eu podia estar aqui no lugar dos senhores também.

O SR. DEPUTADO PAULO BALTAZAR - Perfeitamente, mas está preso. O problema é esse.



O SR. NERY HOMERO ROSSI - Mas estar presos todos nós podemos ficar de uma hora para outra.

O SR. DEPUTADO PAULO BALTAZAR - Exatamente, é só cometer o crime.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Cometer um crime? Não sei.

O SR. DEPUTADO PAULO BALTAZAR - Portanto, o senhor está em plena consciência, até pelo debate. Está em consciência do que está fazendo. Agora...

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Não estou, não. Agora me veio um lapso de memória.

O SR. DEPUTADO PAULO BALTAZAR - É possível também. Sou médico e entendo que é possível um lapso de memória em função da pancada. Só queria dizer ao senhor o seguinte, fazendo até um apelo: do alto da sua experiência, o senhor não está defendendo os seus filhos, o que o senhor se propõe a fazê-lo com justiça. Claro, defender a juventude, porque a posição é desproporcional, a preocupação que o senhor está tendo, em relação ao assalto que o senhor teve, porque esta CPI está a fim de investigar e desvendar coisas muito maiores, para evitar que a sociedade como um todo sofra isso que o senhor disse que sabe que sofre. Portanto, quando o senhor coloca para fora isso que o senhor sabe e tem medo, e disse que acredita na justiça divina, e eu também acredito, mas é preciso fazer a nossa parte aqui. O senhor vai defender muito mais os seus filhos de 7 anos, 10 anos, se não me falha a memória, que o senhor disse que tem, se o senhor puder, aqui na CPI, que é um espaço separado daqueles que o assaltaram... Lá, eventualmente, houve um assalto. O medo é desproporcional. O assalto aconteceu com o senhor lá, e provavelmente...

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Não conheço os assaltantes.

O SR. DEPUTADO PAULO BALTAZAR - Exatamente, por isso mesmo talvez nem o conheçam. Nem o conheçam! Aquele assalto foi um assalto. Eu estou dizendo: estamos fazendo a CPI para investigar a questão do tráfico de armas, que é muito maior do que aquele assalto que eventualmente alguns bandidos... No Rio tem muito assalto.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - E por que é que me escolheram? Achem que eu sou o Deus aqui da *(ininteligível)*?

O SR. DEPUTADO PAULO BALTAZAR - Não, não. Escolheram o senhor porque o senhor lida com armas.



O SR. NERY HOMERO ROSSI - Eu sou um simples aposentado analfabeto.

O SR. DEPUTADO PAULO BALTAZAR - E o senhor conhece...

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Analfabeto igual ao Lula. Mas não sou Presidente da República.

O SR. DEPUTADO PAULO BALTAZAR - Só um minutinho: tanto conhece que o senhor está com medo das questões contra o seu filho. Não porque vai falar aqui na CPI. Não é por isso.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Ah, é?

O SR. DEPUTADO PAULO BALTAZAR - Portanto, se o senhor contribuir de alguma forma para desvendar essa questão, o senhor está defendendo os seus próprios filhos.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - É?

O SR. DEPUTADO PAULO BALTAZAR - E o senhor não está fazendo quando se cala sabendo das coisas. Talvez não para agora, porque o senhor não vai dizer mesmo — estou vendo pela sua face que o senhor não vai revelar —, mas para o senhor refletir, talvez um pouco adiante, num outro momento. Talvez na Justiça, em algum outro momento, o senhor possa deslindar essa questão para facilitar a vida e a sobrevivência dos seus próprios filhos. Eu queria deixar para o senhor essa reflexão. Sei que o senhor não vai falar nada agora, já disse que não vai falar, mas que o senhor reflita que o senhor provavelmente está não facilitando a vida dos seus filhos, mas dos bandidos que provavelmente poderão tirar a vida dos seus filhos e de outros filhos do Brasil inteiro. Que o senhor refletisse sobre isso.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Está falado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Bom, Sr. Nery, eu fico muito triste ao ver um senhor como o senhor, que já viveu um bocado, sabe um bocado... O senhor está aqui sabe por quê? Porque há 50 anos que o senhor lida com armas no Rio, e eu não sei há quantos anos que lida com tráfico de armas. É por isto que o senhor está preso: tráfico de armas e munição. E o senhor poderia, já com essa idade, ajudar a desvendar esse tráfico de armas, inclusive mostrando se há autoridades envolvidas e tudo. O senhor tem medo porque tem autoridades envolvidas?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Não tem autoridade nenhuma, não.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não há nenhuma autoridade envolvida?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Eu não tenho queixa contra ninguém. Eu só tenho a declarar as ameaças. Ameaça é bandido, para mim, e quem são eu não sei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E como é que essas ameaças chegaram ao senhor?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Ora, é o que eu acabei de falar: eu, sendo conhecido, como os senhores todos, mas não com a expressão dos senhores, um simples eleitor, saio do meu estabelecimento, na rua sou abordado. Não tem grampo, conforme tem filmagens? Pessoas sabendo da vida ...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quem é que o ameaça?

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Quem me ameaçou antes — agora não estou sendo ameaçado — foram os bandidos ou representantes deles, sobre essas ameaças que eu acabei de falar, das crianças. Então, é um assunto que... seria muito trágico ter duas crianças mortas. Agora, todo o mundo sabe...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, é mais trágico, Sr. Nery, é mais trágico ter centenas de crianças mortas por bala, que muitas delas foram compradas na sua loja. Isso é muito mais trágico. Isso é muito mais trágico.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Isso é preciso provar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está provado já. O senhor está preso por causa disso. O senhor está preso por causa disso, senão o senhor não estaria preso.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Eu estou preso e estou pronto a receber o julgamento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, não adianta, que o senhor não está... Infelizmente, o senhor está aí com uma vida toda, já no fim da vida, nem sei quantos anos vai durar, e o senhor não quer colaborar em nada, com coisa nenhuma, essa que é a verdade.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Dessa maneira, não. Matando inocentes eu não estou, de maneira nenhuma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não é matando... Matando inocentes? Já foram mortos um monte.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - E vão continuar sendo.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Essas organizações que estão ao seu redor estão matando um monte de crianças e de adolescentes.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - E vão continuar matando.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não se nós pudermos diminuir isso, se pudermos evitar. E o senhor não está disposto a evitar isso. E quanto à justiça divina em que o senhor fala tantas vezes, nessa aí o senhor está mais lascado do que na justiça dos homens. Pode ter certeza disso.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Não tem importância, eu creio nela.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está dispensada a testemunha.

O SR. NERY HOMERO ROSSI - Eu creio nela.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Vamos trazer a próxima testemunha, Cláudio Fontes. *(Pausa.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sr. Cláudio Fontes, é isso? Nós temos aqui uma frase em que o senhor faz o compromisso de dizer a verdade. O senhor gostaria de fazer esse compromisso?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, é só ler essa frase.

O SR. CLÁUDIO FONTE - Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - “Seu” Cláudio, em primeiro lugar, eu quero explicar o porquê da sua vinda aqui na CPI. Nós vimos várias apreensões; houve a Operação Java, em que alguns policiais foram presos; algumas ligações telefônicas, que foram também monitoradas; e o senhor por todos esses é acusado de ser o grande intermediador do tráfico de armas no Rio de Janeiro, inclusive para várias favelas, como as de Turano, Borel, Pavão, Pavãozinho... Então, seria um dos maiores intermediadores, segundo as declarações que nós ouvimos de delegados, de presos. Então, nós queríamos ouvir da sua boca o que o senhor tem a dizer sobre isso.

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, senhor, isso aí é menos verdade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E por que essas pessoas todas inventaram isso?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Aí... aí eu não sei explicar ao senhor.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Qual é o seu trabalho?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Sou aposentado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Aposentado de onde?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Pelo INSS, por invalidez.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Invalidez. O senhor tem alguma atividade mais? Não?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor mora onde?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Moro em Vila Isabel.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Vila Isabel. É sua residência mesmo?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, da minha sogra.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É da sua sogra. E por que essa... por que é que botaram tudo nas suas costas? O senhor tem uma oportunidade aqui de poder tirar um pouco disso das suas costas, porque na verdade as declarações que nós ouvimos todas levam para Cláudio Fontes, o Coroa. O senhor é apelidado de Coroa?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, o meu nome é Cláudio Fonte.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Por que é que lhe chamam de Coroa, ou Coroa da Muni? Por quê?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Aí... eu não sei lhe explicar, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor conhece Maria da Graça Gonçalves de Brito?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Conheço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quem é?

O SR. CLÁUDIO FONTE - É minha namorada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É sua namorada?

O SR. CLÁUDIO FONTE - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A acusação coloca-a também como uma das que faziam as negociações desse tráfico de armas. O que é que o senhor tem a dizer sobre isso?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, ela não fazia intermediação nenhuma. Ela só atendeu um telefone por meu pedido. Eu pedi a ela para atender o telefone, e ela



falou umas 4 palavras ao telefone, e incluíram ela nesse negócio, e ela não tem nada a ver com isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E foi telefonema de quem?

O SR. CLÁUDIO FONTE - De Roberto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Roberto?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Um amigo meu, motorista de táxi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Conhecido como Dinamite?

O SR. CLÁUDIO FONTE - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele é irmão de um policial civil, é?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Ele é.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E por que é que dizem que ele fornecia armas e munições para o senhor?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Aí... Para mim ele não fornecia nada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não fornecia nada para o senhor?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A investigação diz ao contrário do que o senhor está falando. O senhor conhece Hélio Brunet?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não conhece?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor conhece Jorge Luiz Rosa?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Da Rosa? Conheço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Conhece? De onde o senhor conhece ele?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Conheço lá de Vila Isabel.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele é o quê? De profissão?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Ele é policial.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É policial. O senhor conhece muitos policiais?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, senhor.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Por que essa coincidência de os policiais que o senhor conhece estarem envolvidos nessa operação de combate ao tráfico de armas?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, esses policiais que o senhor falou aí eu não conheço não. Só conheço o Reinaldo e o Jorge.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois é, Reinaldo, irmão do...

O SR. CLÁUDIO FONTE - Do Roberto, e o Jorge. Só.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Fernandinho?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Fernando Costa Santos.

O SR. CLÁUDIO FONTE - ...o Fernando não é polícia, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Fernando é o quê?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Ele é segurança de uma padaria.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, o senhor conhece também ele?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Conheço, lá da Tijuca.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas o senhor mora lá pela Tijuca?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, moro em Vila Isabel.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E o senhor conhece Fernando como?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Conheço de lá, que ele é segurança da padaria.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E o senhor vai muito à padaria?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Vou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É perto de Vila Isabel?

O SR. CLÁUDIO FONTE - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É? Marco Aurélio dos Santos Ferreira?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Também não conheço.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não conhece, não?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - José Carlos Rodrigues Barcellos?

O SR. CLÁUDIO FONTE - O sargento?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É, o sargento.

O SR. CLÁUDIO FONTE - Conheço, lá da Tijuca também. Trabalha no trânsito.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Trabalha no trânsito, lá na Tijuca?

O SR. CLÁUDIO FONTE - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Trabalhava, não é? Porque deve estar agora... Reinaldo Gimenes Conde?

O SR. CLÁUDIO FONTE - O Conde eu conheço lá de Vila Isabel também. É irmão do Roberto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ovídio Lorenzo Quintans?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não conheço não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não conhece Lorenzo não?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quem é que conhecia Lorenzo e Brunet? Era Reinaldo?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Aí, eu não sei explicar ao senhor, não. Sei que eu não conheço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É? O senhor sabe que, na sua prisão em flagrante, no ano passado, o senhor estava se encontrando com o Barcellos, não é? Foi isso?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Barcellos?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É, José Carlos Barcellos.

O SR. CLÁUDIO FONTE - Ah, o José.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor estava se encontrando com ele?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Estava.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E o que o senhor fazia com uma sacola contendo 700 munições calibre 45?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Eu estava levando.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Levando para quem?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Levando lá para o centro da cidade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim. Quem é que lhe deu essa sacola com 700 munições calibre 45?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Foi um camelô. Camelô que viajou para o Paraguai.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Camelô que viajou para o Paraguai?

O SR. CLÁUDIO FONTE - É, trouxe e me deu, lá na Saens Peña.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E lhe deu a troco de quê?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, ele não me deu, ele me... No caso, me vendeu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É? Quanto que ele cobrou?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Aí, eu não me lembro não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não lembra? Setecentas munições não é tão pouquinho assim para...

O SR. CLÁUDIO FONTE - Mas eu não lembro, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Agora, o que é que tu estavas fazendo com José Carlos lá, junto?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Eu pedi a ele para me ajudar a levar a munição até eu pegar a condução para ir para a cidade, porque eu estou com este problema no pé.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Agora tu acabaste de lascar José Carlos, não é?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Eu?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É. Acabaste de lascar.

O SR. CLÁUDIO FONTE - Eu pedi para ele me ajudar a levar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois é. Então tu já botaste para lascar em cima de José Carlos. Já estou começando a gostar mais. Porque, a



partir do momento em que tu dizes que tu pediste para ele levar munição comprada de um camelô...

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, de um... de um... de um amigo que... um cara que... ele viajava para o Paraguai e trouxe a munição. Aí, eu pedi para o Zé me ajudar a levar, por eu estar com este problema.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu disseste que estavas com um camelô, que o camelô te vendeu...

O SR. CLÁUDIO FONTE - Eu peguei na Praça Saens Peña com o camelô e pedi para o Zé me ajudar a levar.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Sim, tu pegas 700 munições de calibre 45, que é um calibre proibido, e pede para o sargento da PM te escoltar. Qual era a obrigação que o sargento tinha de te escoltar?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Ele não tinha obrigação nenhuma. Ele só me ajudou a levar.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - E por que, sabendo que é munição proibida e isso configura tráfico de arma?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Aí eu não sei explicar ao senhor.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Como não sabe explicar? Tem que saber explicar. Tinha que ter alguma... Alguma coisa tu prometeste para ele? O que foi? Dinheiro?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Não prometeste...

O SR. CLÁUDIO FONTE - Ele só me ajudou mesmo a levar.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Só te ajudou a levar?

O SR. CLÁUDIO FONTE - É.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Sim, mas ele não é doido de se arriscar a pegar... a perder a farda, a perder a carteira e tudo o mais para te ajudar a levar 700 munições de calibre 45. Quer dizer, não é pouca coisa, não. São 700 munições. Dá para fazer uma guerrinha com isso. E tudo calibre 45, que é um calibre para derrubar rinoceronte. Então... Aí, tu chegaste lá... Tu estavas com a sacola... Como é que era a sacola? Era de pano, era de...

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, era uma sacola de papel.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Sacola de papel?



O SR. CLÁUDIO FONTE - É.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Aquela sacola com alcinha?

O SR. CLÁUDIO FONTE - É, uma bolsa, uma bolsa.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Uma bolsa? Uma bolsa com 700...

Aquilo pesa, não é? Porque 700 pesam.

O SR. CLÁUDIO FONTE - Foi por isso que ele me ajudou a levar.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - É bem maior que isso aí. Mas... Aí, tu disseste o quê? Vou ganhar uma grana com essas 700! Tu ias fazer o quê? Tu ias levar para onde?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Eu ia levar para vender para um tal de Jorge, lá no camelódromo.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Um tal de Jorge?

O SR. CLÁUDIO FONTE - É.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Eu te perguntei aí sobre Jorge. Tu disseste que nem conhecia ele.

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, esse Jorge é outro.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Esse Jorge é outro?

O SR. CLÁUDIO FONTE - O Jorge que eu conheço é um. Esse que o senhor está perguntando, que ia comprar a munição, é outro.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Mas tu disseste que Jorge que tu conhecias era esse. E também trabalha lá pela...

O SR. CLÁUDIO FONTE - Senhor?

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - É isso? Também trabalha por lá?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Esse trabalha lá no camelódromo.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Esse Jorge?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Lá na Rua Uruguaiana.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - E vende munição lá mesmo? Em cima, assim?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, aí eu não sei. Sei que ele...

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Ele ia te pagar quanto pela munição?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Ah, não me recordo.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Não se recorda?



O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO MORONI TORGAN - Está bom, vou passar a palavra um pouco para os Deputados. Deputado Luiz Couto, pode falar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sr. Cláudio, antes de entrar nessa... O senhor disse que é aposentado por invalidez. Qual era a sua função? O senhor trabalhava em quê?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Olha, eu trabalhei na feira — tinha licença na feira da Zona Sul —, já fui artesão, trabalhei na Kelson's.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então, diversas empresas.

O SR. CLÁUDIO FONTE - A minha vida todinha eu trabalhei.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Aí, o senhor resolveu ir lá no... E o senhor disse que uma pessoa chegou com munições e o senhor comprou. O senhor conhece essa pessoa que lhe vendeu? Tinha já muito conhecimento dela?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, conheci na rua.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas o senhor chega para uma pessoa que está lá com uma sacola... Aí, o senhor, da primeira vez, já vai lá fazendo uma negociação com ele, para que ele vendesse? Ou ele foi oferecer ao senhor? Como é que foi? Como é que foi esse intercâmbio entre o camelô e o senhor? Não foi por acaso. Houve algum contato, alguma conversa antes? Como é que se deu isso aí?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, ele eu conheci lá na rua.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Aí, no dia 19 de julho de 2005 o senhor vai lá para o condomínio, na Rua Almirante Cochrane. O que o senhor ia fazer nesse condomínio?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, eu fui lá, peguei a munição com o camarada, pedi a esse José para me ajudar a levar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas o senhor disse que a munição o senhor encontrou lá no camelódromo, que foi lá que o senhor...

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, não, eu falei que ia levar no camelódromo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas o rapaz não lhe vendeu? Como é que a munição, agora, estava na garagem desse condomínio?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, a munição não estava na garagem. Eu peguei na Praça Saenz Pena, com um cara, com um camelô que viaja para o Paraguai.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. E o senhor foi nessa garagem fazer o quê?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Passei pela porta da garagem, porque é caminho. Passei pela porta da garagem. Aí, pedi ao José para me ajudar a levar a munição.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E José estava lá na garagem?

O SR. CLÁUDIO FONTE - É. Ele trabalha ali.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. CLÁUDIO FONTE - É o setor de trabalho dele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas o senhor disse que a sacola que o senhor levava era uma sacola de papel. A Polícia...

O SR. CLÁUDIO FONTE - Era um embrulho. Uma sacola, um embrulho.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - A Polícia identificou que era uma sacola plástica. Como é que era? Plástica ou de papel?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Ah, não me lembro. Sei que era uma sacola.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor já disse que conhece o Sr. Jorge Luiz Rosa, que conhece o José Carlos Rodrigues Barcellos, que conhece o Roberto Gimenes Conde, que conhece a Maria das Graças Gonçalo de Brito, Reinaldo Gimenes Conde. Mas... O senhor conhece o Sr. Nery Homero Rossi?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não sabia que ele também vendia armas e munições?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Porque, pelo que nós verificamos, há uma conexão dele com José Carlos e Fernando Costa, e o senhor era o ponto para que essas munições pudessem chegar a quem estava solicitando. Veja, Cláudio, que não é uma coisa... Veja, na escuta telefônica, você diz assim: *"Cláudio Fontes, conhecido como Coroa, o homem que comprava munição dos policiais para repassar aos traficantes"*. Diz que não era de camelô nem nada. Ou seja, em um dos telefonemas gravados, Cláudio faz uma encomenda ao Sargento José Barcellos. Veja o seguinte, aqui está: Cláudio: *"Tem alguma coisa de 62 aí?"* Aí José, que o senhor diz que passou por lá, diz: *"Não, chegou aquele negócio que você estava querendo"*. Cláudio: *"O que é que é?"* José: *"Aquele garrafão de vinho. Chegaram 5 garrafões de vinho de 4,5."* Cláudio: *"Estou indo aí"*. Ou seja, esse é um fato, é uma



prova. O senhor não pode negar. O senhor teve um contato com o Sr. José Barcellos, que não era apenas um homem que ficava lá na garagem, mas era um homem que tinha contato com o senhor através das armas, munições que eram fornecidas pelo Sr. Nery Homero Rossi, que chegavam através dele ou através de Fernando Costa Santos, e que era o senhor a figura desse contato aqui entre eles. E aí o senhor repassava para fazer contato com todo mundo lá. Há um outro diálogo, onde o senhor também fala com Roberto. Diz Roberto: *“Alô, patrão. Deixa eu falar contigo. Você marcou alguma coisa de entregar carregador e balas?”* Ou seja, não era só munição, era carregador também. Você diz: *“Não”*. Roberto diz: *“Olha, cuidado. Não fala ao telefone, que grampearam o telefone do cara que marcou o encontro para entregar carregador e arma e munição. Entendeu? Cuidado. Se tu marcou alguma coisa, aborta, porque está tudo grampeado, até o meu”*. Foi por isso que o senhor fez com que a sua namorada atendesse o telefone? Para não pegá-lo?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não. A Polícia, que acompanhava tudo, disse que o senhor não pegou arma nenhuma lá no camelô. Ou seja, a munição estava escondida na garagem do prédio: *“Assim que Barcellos chega, ele e Cláudio”* — os 2 já foram para lá — *“vão direto para a garagem do prédio, onde a munição está escondida. Logo depois, os 2 saem. Cláudio carrega uma sacola cheia de munição.”* Ou seja, há uma série de contradições, Sr. Cláudio, com relação ao que o senhor diz e àquilo que a polícia conseguiu identificar. Mas o que me deixa... é uma conversa que o senhor tem com uma figura que não diz o nome. É um traficante que mora ou tem a sua atuação numa favela da zona norte do Rio. Diz assim: *“Traficante: Pô, véio, o clima hoje tava mais ou menos, meio sinistro aqui, que tão falando que os homens tão andando tudo por aqui. Tão tudo no pé do morro”*. E você diz: *“Cláudio: É mesmo?”* *“Traficante: “Graças a Deus, não vieram, não. Tomara que nem venham.”* *“Cláudio: Tomara, né?”* *“Traficante: É, porque, senão, nós vai ter que gastar mais bala neles”*. Na realidade, Sr. Cláudio, sei que o senhor está preso e é claro que o senhor fazia parte dessa conexão. Todos estão atentos ao que o senhor vai dizer ou não para esta CPI. Eu pergunto: o senhor gostaria de colaborar com esta CPI, dando um depoimento em caráter reservado, em caráter secreto, numa sessão apenas com os Deputados e o senhor presente?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, não tenho nada a declarar.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não tem nada a declarar. O senhor sofreu alguma ameaça depois dessa sua prisão? Sofreu alguma ameaça?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não? Não está sendo ameaçado? Nós sentimos que o senhor está sendo, mas o senhor não pode dizer. Se disser, os caras estão na mira, aqueles mesmos que pegavam também as munições, os carregadores e tudo o mais. Eles sabem que esta sessão é aberta, eles podem... Claro que, se o senhor decide aceitar a secreta, eles vão dizer: o cara está querendo entregar a gente. E vão tentar de todas as maneiras descobrir o que o senhor poderia dizer. Mas o senhor disse que não tem nada a declarar, que o senhor não quer colaborar com esta CPI. Eu digo, Sr. Presidente, que nós não conseguiremos tirar nada, porque é um esquema forte, que tanto o "Seu" Cláudio... Ou seja, não é somente a Navalha na Carne, que era a operação, ou seja, aquilo que o Sr. Nery Homero Rossi dizia que tinha sofrido uma coronhada e que tinha amnésia, e que não se lembrava, eu acho que são as armas que estão apontadas para os 2 que causam essa amnésia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Apesar de que ele até acabou falando um bocado de coisa interessante, falando da organização criminosa, da qual ele tinha receio, que infelizmente atuava no tráfico de armas. Quanto ao Sr. Cláudio Fonte, várias ligações telefônicas foram grampeadas, inclusive conversas suas. Inclusive o senhor foi alertado por Roberto que estava sendo grampeado, não foi?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Isso foi verdade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É? E por que Roberto lhe fez esse alerta?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Aí eu não sei te explicar não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Para explicar que ele não ia mais fornecer arma e munição por parte...

O SR. CLÁUDIO FONTE - Mas eu não comprava arma nenhuma dele não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - ...da Polícia Civil.

O SR. CLÁUDIO FONTE - Eu não comprava arma nenhuma dele, não, senhor.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Porque o esquema todo está muito claro. Roberto era irmão de Reinaldo; Reinaldo fazia contato com Brunet, muitas vezes com Lorenzo, e lá conseguiam desviar arma e munição lá de dentro do depósito. O senhor conhece aquele depósito lá? É uma zoeira mesmo?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, não. Conheço não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não conhece não? Aí o senhor começou a fazer mais contato com José Carlos. José Carlos desviava arma e munição lá do 6º Batalhão, é isso?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Também não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas isso está nas gravações aí que foram feitas.

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, senhor. Não sei lhe dizer não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Hã?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não sei lhe dizer.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor sabe que esse telefone do senhor que foi grampeado quem usou ele foi um traficante de nome Berola? Por que Berola usou seu telefone?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não sei lhe explicar não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Inclusive toda a operação começou em cima de Berola. Aí depois quem ficou usando o telefone foi o Coroa, porque Berola estava mais envolvido com negócio de tráfico de drogas, inclusive estava querendo um químico de São Paulo para poder batizar a cocaína que eles traziam pura, e aí vender a cocaína batizada. Então, ele queria um químico para batizar e misturar a cocaína com outras coisas. Mas aí, para surpresa do pessoal, quem começou a usar o telefone de Berola foi... Qual é a sua relação de amizade com Berola?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Nenhuma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E como é que ele lhe dá o telefone assim para usar? Ou o senhor...

O SR. CLÁUDIO FONTE - Ele não me deu telefone nenhum não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ou o senhor que deu para ele?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, não. Nem uma coisa nem outra.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Nem uma, nem outra? O senhor, então, coincidentemente conhece todo esse pessoal envolvido no tráfico de armas. Porque inclusive foi tudo monitorado, descobriram que desviavam lá da DFAE, desviavam munição. Inclusive uma vez o senhor precisou de munição rápido e aí Lorenzo conseguiu 3 caixas de munição, é isso?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não. Não conheço Lorenzo nenhum.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, a polícia só chegou no senhor, com aquelas 700 munições, junto com o José Carlos, porque estavam lhe monitorando. Senão, não iam chegar nunca. É verdade ou não é? A partir do momento em que estavam... Quem conhece Lorenzo é o Dinamite, é isso?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não sei lhe dizer não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quais eram as suas conversas com Roberto?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Minhas conversas com Roberto era conversa de amizade de rua.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - De amizade de rua.

O SR. CLÁUDIO FONTE - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O Deputado Paulo Baltazar vai fazer algumas perguntas. Porque tudo isso está descoberto. A chance de o senhor vir aqui é para tentar auxiliar, é para tentar diminuir a sua pena, é para tentar ajudar o senhor mesmo. O senhor não está com essa vontade de fazer isso, é isso?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não é que eu não estou com vontade, eu não tenho nada a declarar. Só isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor tem tudo a declarar. Foi preso com 700 cápsulas de 45. Como é que não tem nada a declarar? Junto com um sargento da PM. Quer dizer, como é que o senhor tem poder de botar um sargento da PM junto com o senhor num tráfico de munição? Deputado Paulo Baltazar.

O SR. DEPUTADO PAULO BALTAZAR - Sr. Presidente, senhor depoente Cláudio Fonte, eu queria só aproveitar essa caminhada que o senhor está tocando aí para conversar com o Sr. Cláudio Fonte. Na verdade, há riqueza de detalhes colocados. Poderíamos citar inúmeros outros detalhes que foram conferidos por



gravações. Então, aqui não há nenhuma suposição. Há gravações. Por exemplo, esse telefone 98174773, o senhor reconhece?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO BALTAZAR - O senhor nunca utilizou esse telefone? Pois é, o senhor foi gravado falando nesse telefone.

O SR. CLÁUDIO FONTE - Desconheço.

O SR. DEPUTADO PAULO BALTAZAR - Sim, mas o senhor foi... Estou só afirmando para o senhor, porque aí é uma questão fática. O senhor foi gravado falando nesse telefone. Assim mesmo, esses detalhes todos que estão aqui colocados... O senhor conhece ou conheceu um tal de "Di Boi"?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO BALTAZAR - Não conheceu. Favela do Turano, o senhor conhece?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO BALTAZAR - Também não. Nunca ouviu falar na Favela do Turano?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Já ouvi falar no jornal.

O SR. DEPUTADO PAULO BALTAZAR - Só em jornal. Pois é. Todos esses detalhes... O senhor está citado. Em todos eles, o senhor é o intermediário. Por isso estou dizendo das gravações feitas com autorização judicial com a sua voz, inúmeras dessas pessoas o senhor conhece, também envolvidas. A questão fundamental é saber: o senhor lida com essa questão de armas há quanto tempo? O senhor sobrevivia de quê?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não. Não vendo nada de arma não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO BALTAZAR - Não, não é?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO BALTAZAR - Munição também não?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Munição vende.

O SR. DEPUTADO PAULO BALTAZAR - Foi só esse episódio? Foi só esse episódio na vida do senhor?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Munição foi.

O SR. DEPUTADO PAULO BALTAZAR - Nunca mais, nunca tinha mexido antes nem nunca tinha pensado nisso? Foi só por um acaso que o senhor levou,



pegou aquelas... as munições, e levou lá para o outro rapaz no centro da cidade? Foi isso? Só isso? Estou aqui para colaborar, para ver se a gente consegue evoluir, porque se o senhor disser que nunca tinha visto as munições, foi esse o único episódio... Tudo o que está gravado o senhor afirma que não é verdade? Ou o senhor conhece e está com medo de colocar todo esse esquema para fora com medo de retaliação, disso e daquilo? Sinceramente.

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO BALTAZAR - Não, senhor, o quê?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não tenho mais nada a declarar, não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO BALTAZAR - O senhor não conhece? Ou conhece?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, não.

O SR. DEPUTADO PAULO BALTAZAR - Não quer falar sobre esse assunto? É isso?

O SR. CLÁUDIO FONTE - É isso. Verdade.

O SR. DEPUTADO PAULO BALTAZAR - Sr. Presidente, o depoente não quer falar, apesar da riqueza das informações provadas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É só para lhe mostrar aqui o quadro que nós temos, inclusive da sua própria organização. Acho difícil até ele falar, porque ele não teria como se beneficiar se o cabeça da organização é ele. Eu comecei dizendo que todos falavam ele como sendo o grande cabeça da organização de tráfico de armas e munição que abastecia vários morros do Rio de Janeiro. Então aqui está: o senhor é associado com Jorge Luiz Rosa, José Carlos Rodrigues Barcellos, Fernando da Costa Santos — que era a pessoa que fazia o papel de avião seu —, Roberto Gimenes Conde, que é o Dinamite, esse taxista. E onde entra Maria da Graça Gonçalves de Brito?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Isso aí não é verdade, não, senhor. Essas pessoas que o senhor citou aí tem um monte de gente aí que eu nem conheço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor conhece praticamente... O senhor já confirmou todos eles. O senhor conheço o José Carlos, conhece o Fernando, conhece o Roberto, e conhece o Jorge Luiz também. O senhor confirmou todos essas aqui agora há pouco aqui.

O SR. CLÁUDIO FONTE - Esses aí eu conhecia.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois é. E esses aí foram monitorados junto com o senhor. Não tem como o senhor negar que conhece, porque conhece mesmo. Agora, Maria Gonçalves de Brito, onde é que entra isso?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Ela não entra. Ela é minha namorada, ela. Eu pedi para ela atender um telefone para falar com o Roberto. Só isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ela atendeu o telefone para falar com o Roberto?

O SR. CLÁUDIO FONTE - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E aí Roberto fez o quê? Disse que tinha munição para o senhor? Tinha o quê?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não falou nada de munição. Conversou com ela outro assunto. Aí botaram ela na... como formação de quadrilha, que ela não tem nada a ver com essa história.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Agora veja, coincidentemente, Roberto fazia contato com Ovídio e com Reinaldo, que faziam contato com Hélio Brunet.

O SR. CLÁUDIO FONTE - Reinaldo é irmão dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois é. E Fernando, ele fazia contato com Nery e, como José Carlos, também conseguia arma e munição com Nery. Ou era só munição com Nery?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Aí eu não sei explicar para o senhor, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Hã?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Aí eu não posso falar nada a esse respeito.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E ainda tem o Marcos Aurélio dos Santos, que o José Carlos muitas vezes... Quando disseram que estava sujeira na parte da Polícia Civil, o senhor partiu para a Polícia Militar, aí o José Carlos foi para a Polícia Militar pedir arma e munição.

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Se o José Carlos se dispõe a escoltar o senhor com 700 munições proibidas, sabendo que é tráfico de munição, é lógico que ele está no esquema junto com o senhor. Não tem... Qualquer pessoa, qualquer criança que estiver ouvindo aqui sabe que ele está no esquemão junto com



o senhor. Agora, o senhor deixando de fornecer armas e munição para esses morros, quem é que fornece arma e munição para esses morros?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Como é que vou saber? Não posso falar nada desse respeito, não, senhor. Não sei lhe informar não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quem é que tomou seu lugar nisso aí?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Também não sei informar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não sabe informar quem tomou seu lugar?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Devia saber, porque vai perder mercado, não é? Só que a gente fala mercado, e isso é uma tristeza muito grande, porque muita gente está morrendo por causa dessas armas e munições que são vendidas. Só que está todo o esquema feito. Essa munição, de 45, veio de onde? Veio de algum lugar?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - De dentro da Polícia, veio da fronteira, de onde veio?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Veio da fronteira.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Qual fronteira?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Do Paraguai.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Fronteira do Paraguai? Qual é a cidade? O cara disse?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Ah, não sei. Sei que veio do Paraguai. O camelô que trouxe e me vendeu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E era munição nova?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Era.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tinha marca essa munição?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não tinha marca, não?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não sei lhe informar, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não era IMBEL, não?



O SR. CLÁUDIO FONTE - Não sei lhe informar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A perícia deve dizer.

O SR. DEPUTADO PAULO BALTAZAR - Sr. Presidente, só para perguntar, uma curiosidade. O camelô disse para ele como ele trazia do Paraguai, por acaso?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Trazia de ônibus.

O SR. DEPUTADO PAULO BALTAZAR - De ônibus.

O SR. CLÁUDIO FONTE - É. Trazia mercadoria do camelódromo dele e trazia essa mercadoria.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ah, então o camelô que ia ao país. Isso bate até de certa forma com outras informações de que, infelizmente, muita gente vai para trazer mercadoria de camelô e já traz arma e munição também. E ele disse que conseguia mais para ti depois? Porque quem faz 1 negócio, faz 3, 4, 5.

O SR. CLÁUDIO FONTE - Mas eu não tinha feito negócio nenhum com ele, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É claro que fez. Se não tu não ias ficar com essa munição na mão. Na verdade, tu estavas com essa munição, tu ias passar essa munição para Zé Carlos, e Zé Carlos depois ia ver; ou Zé Carlos é que estava passando para ti a munição, para tu fazeres depois a distribuição. Tu levaste azar que te monitoraram e chegaram em cima quando Zé Carlos estava te passando essa munição. E essa munição pode ser inclusive de algum depósito da Polícia. Isso eu quero ver direitinho depois, o inquérito, para ver se isso veio, porque infelizmente o Brunet era o comissário que cuidava do depósito da Polícia junto com Lorenzo. E infelizmente de lá é que saía, e isso é o que é mais grave nessa tua história. E é por isso que tu não vais falar nada, porque tem um monte de ex-policiais envolvido nesse negócio. Não é verdade?

O SR. CLÁUDIO FONTE - Não tenho nada a declarar não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então está confirmando aquilo que eu estou achando. E infelizmente ex-policiais... porque policial que vende arma e munição para bandido está vendendo para mais tarde matar policiais colegas dele. Então, para mim isso não é mais policial; isso é ex-policiais, mais bandido do que o bandido, porque quem vende arma para matar o próprio colega... é terrível isso.



Não havendo mais ninguém que queira fazer perguntas, eu dispenso a testemunha.

Convoco nova reunião para amanhã, quarta-feira, às 14h, quando ouviremos Jair de Oliveira. Será uma oitiva importante. A acusação sobre Jair Oliveira é de chefiar quadrilhas importantíssimas que agem no Rio Grande do Sul. Então, é uma audiência bem importante desta CPI.

Dou por encerrada a reunião.